

ÍNDIOS DO ALTO JANDIATUBA

Nome

É difícil indicar o nome desses índios, uma vez que, por se tratar de uma área não estudada, não tendo sido objeto nem de um simples levantamento, ~~pois~~ o grupo de trabalho designado pela FUNAI para estudá-la não chegou a percorrê-la (ESPÍRITO SANTO, 1980), não se sabe se os índios arredios aqui tratados são completamente arredios e nem se constituem um único grupo tribal. Um desses grupos é com certeza o dos conhecidos como Tucanos ou Tuân Djapá, sendo este último nome preferível, não só por se tratar muito provavelmente de auto-denominação, como pelo fato do outro nome levar a possíveis confusões com os Tukâno da região do Uaupés. Não se conhece a tradução de "Tuân". Se esse grupo ~~é~~ é o mesmo citado por Métraux (1948, p. 663) como ~~Tukun Djapá~~ Tukun Djapá, teriam sido chamados no passado de Mangerôma. Seriam os Tuân Djapá os mesmos a quem alguns chamam de Araras (ESPÍRITO SANTO, 1980).

Um outro grupo da área e que talvez esteja extinto, deixando apenas alguns remanescentes em contato com os civilizados e os Kanamarí é o Kutxá Djapá, ~~Tukun Djapá~~ (ESPÍRITO SANTO, 1980), sendo que Kutxá significa "lontra" ou "ariranha" (MÉTRAUX, 1948, p. 663; MONTAGNER MELATTI, 1980, p. 55).

Talvez os propriamente arredios constituam um terceiro grupo. Os pilotos das embarcações da FUNAI chamam de Katukína aos índios que aparecem do igarapé Uchoa, que seriam os mesmos do igarapé São José, ambos afluentes da margem direita do Itacoáí. Seria a esses índios que os Kanamarí do alto Itacoáí chamariam de Capiveras (MONTAGNER MELATTI, 1980, p. 43). Em um relatório ~~deles~~ eles são chamados de Barbados (COSTA, 1972a).

Língua

Os Tuân Djapá falam o mesmo dialeto dos Kanamarí do alto Itacoáí, do alto Jutáí e do ~~Juruá~~ Juruá (GROTH, i.p.) e o mesmo deve acontecer com os ~~Kutxá Djapá~~ Kutxá Djapá. São, portanto, da família linguística Katukína. ~~Entre~~ Entre os chamados Barbados haveria uma velha bastante idosa que podia compreender o dialeto dos Kanamarí do alto Itacoáí (COSTA, ~~1972a~~ 1972a), o que não é suficiente para se concluir que sejam da mesma família linguística, ~~pois~~ pois a velha poderia ser uma mulher aprisionada. Os sete Tuân Djapá encontrados na aldeia de Caranã, dos ~~Kanamarí~~ ~~Mamari~~ Mamari do Jutáí, não falavam nada de português (ESPÍRITO SANTO, 1980)

Localização

Os ~~tu~~ Tuân Djapá têm uma maloca no igarapé Dávi, afluente da margem esquerda do Jutai, e uns poucos moram junto com os Kanamarí da aldeia Caraná, no Jutai; frequentam as cabeceiras do ~~rio~~ rio Curuena, afluente da margem esquerda do Jutai e o alto Jandiatuba acima do local chamado Três Bocas, onde esse rio recebe os igarapés Preto e Branco (ESPÍRITO SANTO, 1980).

Os Kutxá Djapá ^{quase} estariam extintos, havendo como remanescentes alguns indivíduos no seringal Bom Futuro, de Ulisses Uchoa, perto do seringal São Pedro, no rio Jandiatuba, e ainda três indivíduos entre os Kanamarí do alto Jutai (ESPÍRITO SANTO, 1980).

Os chamados Capivaras ou Barbados seriam os que aparecem no igarapé São José e Uchoa, afluentes da margem direita do Itacoai, nas cabeceiras do Jandiatuba e do Jutai (MONTAGNER MELATTI, 1980, p. 44; ESPÍRITO SANTO, 1980).

~~XXXXXXXXXX~~

População

Os Tuân Djapá que estavam na aldeia Caraná, dos Kanamarí do Jutai eram apenas sete: um casal, um rapaz, uma velha que tinha a perna doente, duas crianças ^{e talvez mais uma mulher numa casa Kanamarí.} Os Kanamarí informaram que os ~~XXXX~~ Tuân Djapá do igarapé Dávi seriam umas quinze pessoas. ~~XXXXXXXXXX~~ É possível que os índios que aparecem no Jandiatuba não estejam incluídos entre os acima computados. Por conseguinte, aceitando-se os números de Espírito Santo (1980) haveria cerca de 22 Tuân Djapá no Jutai e seu afluente Dávi, em 1980, e mais alguns poucos nas proximidades do Jandiatuba. É possível que haja mais na região entre esses rios.

Quanto aos Kutxá Djapá, em 1980 havia três indivíduos entre os Kanamarí do alto Jutai e mais alguns no seringal de Ulisses Uchoa no Jandiatuba. Os dez índios que um funcionário da SUCAM contou no seringal São Pedro (ESPÍRITO SANTO, 1980), não há informação suficiente para dizer se são Kutxá Djapá (o seringal Bom Futuro onde membro^s deste grupo estão) fica logo abaixo do São Pedro) ou Tuân Djapá.

No que tange aos arredios Capivaras ou Barbados, nada se pode dizer. A aldeia visitada pelos Kanamarí tinha doze casas que poderiam abrigar, cada uma, duas ou três famílias, havendo mais casas à distância (COSTA, 1972a). Supondo-se o número de dez pessoas por casa (duas famílias elementares de cinco membros cada), essa aldeia teria um mínimo de 120 habitantes, o que é uma concentração alta para ~~o~~ a região, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ somente alcançada pelos Marúbo de Vida Nova. Mas talvez esse fosse também o padrão dos Matis antes do contato. Não há informações sobre quantas aldeias teriam os arredios.

HISTÓRICO DO CONTATO

Como a área se caracteriza pela presença de índios muito pouco conhecidos arredios e/ou em extinção, torna-se difícil estabelecer uma cronologia do contato. Aqui, portanto, não se fará uma divisão em fases.

Uma fonte de 1912 cita os Mangerôma entre o rio das Pedras, afluente da margem esquerda do Itacoaí, e este último. Métraux (1948, p. 663), que a ela se refere, identifica-os com os ~~Tukú~~ Tukún Djapá ou Tukano Djapá.

Se estes eram os ~~Tukú~~ aqui chamados Tuân Djapá, isso indicaria que teriam se deslocado de oeste para leste. ~~Tukú~~ dono de uma farmácia em Benjamim Constant, contou a Julio Cezar Melatti, em 1975, que seu pai tinha um seringal no rio Jandiatuba (infelizmente a localização e o nome do seringal não foram anotados), junto ao qual havia índios Kanamarí e Tucanos. Os Kanamarí eram "mansos", mas se mantinham afastados dos civilizados e raramente apareciam; já os Tucanos freqüentavam o seringal. Narrou um crime de morte entre civilizados em que se procurou passar a responsabilidade aos índios, mas seu pai desconfiou da história, pois os índios eram amigos e nunca tinham feito nada de hostil. ~~Tukú~~ Entretanto, o boato fez debandar os ~~seringueiros~~ seringueiros. Dizem atualmente os Kanamarí do Jutai que morreram muitos ~~Tucanos~~ Tucanos e os poucos que restam têm muita dificuldade em conseguir alimento; são poucos, precisam de ~~se~~ se aproximar, mas têm medo. Os próprios Kanamarí procuram atraí-los, fornecendo-lhes roupas, comida, objetos de origem civilizada, mas eles se mostram arredios. Um funcionário da SUCAM informou que encontrou dez índios no seringal São Pedro, no Jandiatuba, que para aí tinham descido após um conflito em que lhes morrera o chefe; antes eram muitos (ESPÍRITO SANTO, 1980); *mas não de tentar-se também de índios Kutxá Djapá.*

Métraux ~~(1948, p. 663)~~ (1948, p. 663) diz que os Kutxá Djapá estavam no rio Preto, afluente da margem direita do Jandiatuba, portanto, uma das correntes *ou então entre, de mesmo nome, que dizem local mais abaixo.* água que desemboca no local chamado ~~Tres Bocas~~ Tres Bocas. Em 1949 o comerciante e seringalista Ulisses Uchoa, de São Paulo de Olivença comprou ~~uma~~ uma localidade abaixo do seringal São Pedro. Por ali havia um pequeno grupo de índios, constituído de dois homens adultos e um jovem e três mulheres adultas e duas jovens. O líder do grupo, chamado Paulo, morreu na cadeia de São Paulo de Olivença, de gripe, ~~no início da década dos Sessenta.~~ no início da década dos Sessenta. Os que estavam com ele foram levados de volta por Ulisses Uchoa, ficando a seu serviço no seringal Bom Futuro, perto do São Pedro. A fonte consultada não diz os motivos por que Paulo foi posto na cadeia, mas informa que, segundo o seringalista Amazonino Ramos, de São Paulo de Olivença, uma mulher civilizada, com quem os índios se davam bem, os tinha levado a passeio para a cidade (ESPÍRITO SANTO, 1980).

Quanto aos chamados Caivaras ou Barbados, assinala um relatório (COSTA, 1972a) que os Kanamarí do alto Itacoaí contaram que, após ~~em~~ vários dias de caminhada pela mata na direção do Juruá, encontraram-se com um grupo de vinte guerreiros que lhes apontavam as armas, flechas e arcos muito grandes. Após diversas palavras trocadas, sem que se compreendessem, trouxeram uma índia muito idosa que pôde compreender o dialeto Kanamarí. Levados à ~~em~~ aldeia, os Kanamarí ~~contaram~~ contaram doze casas de formato oval, que poderiam abrigar duas ou três famílias, sendo que havia mais à distância. Não foi possível fazer amizade com eles; descreveram os civilizados como ruins, pois alguns caçadores haviam matado de uma só vez o filho e a filha do tuxaua. Quando os Kanamarí se retiravam, os índios arredios os acompanharam de longe, fazendo grande gritaria e batendo pau. Segundo Montagner Melatti (1980, p. 44), em 1977, no igarapé São José, afluente da margem direita do Itacoaí, os índios atacaram o ~~acampamento~~ acampamento do madeireiro Austique, matando um homem e flechando um Kulína. Um Kulína contou que em julho de 1979 os índios apareceram outra vez no igarapé do outro. Em maio de 1980, os madeireiros entraram de novo no igarapé, pois acham que "a região pode dar muito dinheiro, se derem um jeito nos índios", como argumentou um regional. O madeireiro Flávio, aviado de José Pinto, penetrou na direção do alto curso do igarapé, para colocar sua turma, mas retornou ao constatar vestígios de índios. Ainda em maio de 1980, o madeireiro José, morador da foz do igarapé, ao fazer uma "correria" (procura e localização) de madeira em suas cabeceiras, encontrou um tapiri e bananeiras, retornando para a casa. Os jornais noticiaram que em agosto de 1980 sete madeireiros foram atacados por índios no igarapé São José, que mataram um deles. Um freguês de Raimundo de Assis, que é proprietário ~~de parte~~ de parte do igarapé Uchoá (o que a lista do INCRA não registra, no Anexo nº 1 da fonte citada) retirou seus madeireiros, que cortavam cedro, porque os índios puseram fogo no tapiri, levando as "mercadorias" e quebrando ~~uma~~ uma espingarda; nas praias desse igarapé os índios costumavam coletar ovos de tracajá. No igarapé Juruazinho, afluente do Jutai, os índios atacaram uma família de civilizados, oriundos do Juruá, matando duas mulheres. Os ~~Kanamarí~~ Kanamarí do Jutai foram acusados dessas mortes e ficaram magoados com a acusação.

Convém notar que a FUNAI não mantém nenhuma frente de atração e nem interditou o acesso à área, seja pelo Itacoaí, pelo Jandiatuba ou pelo Jutai, estando os índios arredios à mercê de possíveis ataques de madeireiros ou iniciativas particulares de atração, como parece ser o caso das tentativas Kanamarí.

Modo de vida

Os Tuân Djapá andam nus, vivem em tapiris, dormem em maqueiras, ~~sob~~ sob as quais acendem fogo para se protegerem do frio. São pescadores, coletores e caçadores, não costumando fazer roças. ~~Segundo Anísio Lasmar, vereador de Jutai, os Araras, que viu em 1967 no igarapé Preto, afluente do Jandiatuba, junto com José Bichara, de São Paulo de Olivença, andavam nus, usavam zarabatana e tinham muitos cachorros. Espírito Santo (1980) está inclinado a identificar esses Araras com os Tuân Djapá. No que tange às atividades de subsistência dos Kutxá Djapá, nada há a informar.~~

No que se refere aos chamados Gapivaras ou Barbados, os Kanamarí que os visitaram disseram que tinham grandes roçados de banana, mandioca e pupunha; que tinham grandes arcos e flechas (COSTA, 1972a). No igarapé São José, um madeireiro viu bananeiras e no igarapé Uchoa os índios costumavam coletar ovos de tracajá (MONTAGNER MELATTI, 1980, p. 44). Por sua vez, os Kanamarí do Jutai deram notícia de que índios arredios, de boca pintada de preto, saem de um igarapé do ~~rio~~ rio Ituí, para cortar pau e buscar óleo de tracajá nas cabeceiras do Jutai e depois retornam (ESPÍRITO SANTO, 1980). Como o Ituí fica demasiado longe, a oeste, é possível que estivessem se referindo a ~~algum~~ algum afluente do Itacoai.

Aliás, a boca pintada de preto leva a supor que seria esse o motivo pelo qual seriam considerados Barbados. Os Kanamarí que visitaram os arredios os descreveram como homens fortes, de cabelos e barbas longos, sendo o tuxaua aquele que tinha as barbas mais longas (o que levou Sebastião Amâncio da Costa a chamá-los de Barbados); eram belos, tanto os homens quanto as mulheres; usavam apenas tanga e sua pele era muito clara (COSTA, 1972a).

Quanto a marcas tribais, dispõe-se ainda da informação de que os Kutxá Djapá não usariam tatuagem como ~~os outros grupos~~ outros grupos cujo nome terminam com a palavra Djapá, ~~da~~ família lingüística Katuquina (MONTAGNER MELATTI, 1980, p. 55).

Nada se pode dizer da organização social e nem da visão de mundo dos grupos dessa área, dada a precariedade das informações.

Tutela e assistência

Não existe assistência aos índios examinados neste capítulo. Nem mesmo existe qualquer cuidado em interditar o acesso a eles por parte de madeireiros ou seringueiros, estando sujeitos a serem atacados, ludibriados, despojados de suas terras e incorporados à extração de seringa e madeiras pelas empresas regionais.

Não há nenhuma assistência referente à saúde. As informações dos Kanamarí sobre os Tuân Djapá dizem que não se encontram em bom estado de saúde, o que não lhes permite desenvolver bem seus trabalhos (daí talvez a informação de que não costumam fazer roças). Os Kanamarí procuram atraí-los para ajudá-los (ESPÍRITO SANTO, 1980). ~~Os Kanamarí procuram atraí-los para ajudá-los (ESPÍRITO SANTO, 1980).~~

~~Os Kanamarí procuram atraí-los para ajudá-los (ESPÍRITO SANTO, 1980).~~ Mesmo os Tuân Djapá que vivem junto aos Kanamarí de Caraná não têm assistência médica, pois os próprios Kanamarí aí foram vítimas de um surto de sarampo. Os Tuân Djapá e os Kutxá Djapá que vivem junto a seringais do Jandiatuba talvez tenham possibilidade de conseguir algum medicamento através do "aviamento". Obviamente os chamados Capiveras ou Barbados, por serem arredios, não têm assistência de saúde.

Não têm também acesso a escolas.

Os Tuân Djapá e os Kutxá Djapá que vivem junto a seringais do Jandiatuba ou junto aos Kanamarí do Jutai podem estar incorporados no sistema de "aviamento", a trabalhar na extração de látex. Os demais devem reduzir-se a atividades de ~~suas~~ subsistência.

FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE OS ~~INDÍAS~~ ~~INDÍAS~~ INDÍAS DO JANDIATUBA

1. Documentos administrativos:

COSTA, 1972a

ESPÍRITO SANTO, 1980

MONTAGNER MELATTI, 1980 (p. 42-43).

2. Documentos pessoais:

GROTH, i.p.

3. Trabalhos etnológicos:

MÉTRAUX, 1948